

Lenin e sua “tradução” por Gramsci

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos¹

Resumo: A questão é: como abordar sumariamente a perspectiva como Gramsci traduziu a abordagem de Lenin no tocante à hegemonia, à tradução e ao seu caráter pedagógico num sentido mais amplo? A hipótese é: a tradução de Lenin por Gramsci não é meramente um reflexo de assimilação passiva de pontos elaborados pelo líder soviético, mas uma elaboração peculiar que ecoa alguns pontos em relação à elaboração original. A metodologia empregada remete à análise de textos pertinentes de Lenin e de Gramsci, buscando identificar momentos específicos da escrita gramsciana no conjunto de sua obra carcerária fragmentária e assistemática. Neste aspecto, assume-se o referencial da tradução, entendida como uma releitura ou resignificação que guarda nexos com o sentido original.

Palavras-chave: Gramsci. Lenin. Tradução.

Abstract: The question is: how is it possible to approach the perspective summarily as Gramsci translated Lenin's elaboration of hegemony, translation and its pedagogical character in a broader sense? The hypothesis is: the translation of Lenin by Gramsci is not merely a reflection of passive assimilation of points elaborated by the Soviet leader, but a peculiar elaboration that echoes some points in relation to the original elaboration. The methodology used refers to the analysis of relevant texts by Lenin and Gramsci. This work seeks to identify specific moments of Gramscian writing in the whole of his fragmented and assistematic prison work. In this aspect, the reference of translation is assumed, understood as a re-reading or remeaning that holds links with the original sense.

Keywords: Gramsci. Lenin. Translation

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, Livre-Docência em Teoria das Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (2019) atuando principalmente na área de Teoria das Relações Internacionais. <https://orcid.org/0000-0002-5542-2812>

Introdução

Muito se comenta sobre o nexos entre Lenin e Gramsci no diapasão de que o primeiro influenciou o segundo. É fato indiscutível que o pensamento de Lenin muito incidiu sobre o perfil de todos os partidos comunistas fundados no século XX e da Internacional Comunista, bem como o marxismo de forma geral. Nesta mesma direção, Gramsci travou contato com Lenin como delegado do Partido Comunista da Itália no Quarto Congresso da Internacional Comunista em 1921 em Moscou e assimilou vários pontos de sua formulação de forma peculiar.

Gramsci cita Lenin diretamente (GRAMSCI, 1977, Q4, §29, p. 446; Q13, §22, p. 1622)² e de forma indireta nos *Cadernos do Cárcere* gramscianos. Em perspectiva mais oculta e de forma indireta, Lenin é citado de diferentes maneiras. Seja como “Vilici” (GRAMSCI, 1977, Q7, §2, p. 854; Q11, §46, p. 1468) em forma cifrada de modo a driblar a censura prisional, seja como “o maior teórico da filosofia da práxis”. Nesta, a “filosofia da práxis” é uma espécie de eufemismo referente ao materialismo histórico (GRAMSCI, 1977, Q10-I, §12, p. 1235).

O espaço para escrita e reflexão sobre a assimilação específica de Lenin por Gramsci é curto e demandaria uma argumentação muito mais substantiva, além dos limites do espaço para este texto. Diante disto, a lavra recairá sobre uma abordagem breve em três temas, a serem enunciados a seguir.

² Doravante, a maior parte das referências dos cadernos carcerários de Gramsci tomará por base a edição crítica italiana organizada pela equipe de pesquisadores liderada por Valentino Gerratana (GRAMSCI, 1977). Na edição em questão, é possível identificar a elaboração assistemática, incompleta e em movimento por parte de Gramsci. A partir de tal edição, é possível classificar os textos de Gramsci de primeira redação (textos “A”), os escritos de redação final com alterações ou não em relação à primeira escrita (textos “C”) e aqueles de redação única (textos “B”). As referências a tal edição remetem a “Q”, como o número do caderno, um algarismo romano designando a parte do caderno (quando for o caso), a “§” como o número do parágrafo nos escritos dos cadernos carcerários e “p.” como o número de página da edição referida.

Como tal, essa incorporação de Lenin é tomada metodologicamente neste texto a partir de um referencial elaborado pelo próprio comunista sardo. Cumpre, com tal advertência, formular esse nexos entre Lenin e Gramsci de forma mais precisa. Neste sentido, busca-se diferenciar de uma relação vaga ou de uma provável relação ou assimilação passiva sugerida por uma perspectiva de uma “influência”. Há que se desenvolver a especificidade do nexos entre um e outro. O referencial em questão é justamente o que Gramsci chamou de “tradução”. A partir deste referencial, é possível constatar, em certa medida, uma assimilação de formulações de Lenin com algumas modificações. Tal recurso metodológico gramsciano refere de forma abrangente ao conjunto de sua *opera*. Por outras palavras, a tradução remete à maneira como Gramsci reelaborou, ressignificou, releu autores e os incorporou ao seu pensamento com adequações ao seu marxismo específico, mantendo alguns nexos com as elaborações originárias referidas.

Neste esteio, o texto buscará responder à seguinte questão: como abordar sumariamente a perspectiva como Gramsci traduziu a abordagem de Lenin no tocante à hegemonia, à tradução e seu caráter pedagógico num sentido mais amplo? A hipótese a ser demonstrada no texto é de que a tradução de Lenin por Gramsci não é meramente um reflexo de assimilação passiva de pontos elaborados pelo líder soviético, mas uma elaboração distinta e peculiar que ecoa alguns pontos em relação à elaboração original. Tal assimilação específica se relaciona a uma aplicação de diretrizes revolucionárias para realidades peculiares de forma não mecânica, uma perspectiva explícita de hegemonia enquanto uma formulação teórico-prática que incorpora elementos concretos majoritariamente da atuação política de Lenin e uma apropriação semelhante da perspectiva pedagógica (em sentido não estrito e não somente escolar) relacionada à temática da referida hegemonia.

O texto seguirá as seguintes etapas argumentativas. Uma primeira tratará do nexos entre Lenin e Gramsci no tocante à tradução. O segundo abordará o nexos entre os dois marxistas no que se refere à

hegemonia, além do aspecto pedagógico, em sentido não estrito e escolar, desdobrada da referida categoria de hegemonia. As Considerações Finais resumirão os principais argumentos desenvolvidos e apontarão sumariamente outras possibilidades de argumentação sobre a tradução gramsciana de Lenin para futuro desenvolvimento.

Gramsci, Lenin e a tradução

Buscar-se-á tratar nesta seção sobre a categoria gramsciana de tradução (GRAMSCI, 1977, p. 469, 849, 1468). A tradução permeia a formação do pensamento gramsciano na medida em que alude às fontes de tal processo. Define-se tal tradução como a releitura, a ressignificação de um autor, argumento, análise, formulação, mantendo pontos de contato com a elaboração original. Isto marca a tradutibilidade, a possibilidade de traduzir uma língua, de traduzir linguagens ou de argumentos de autores para outros. Assim, a formação do pensamento gramsciano traduziu, ressignificou autores como Maquiavel, Croce, Sorel, dentre outros, buscando assimilar algumas de suas formulações e, assim, reelaborou-as para uma adequação ao marxismo. A tradução de Lenin por Gramsci assimila e ressignifica alguns aspectos da formulação do líder soviético, conforme será abordado abaixo.

Ecoando e ressignificando em certo sentido o contato travado com Lenin em 1921 por ocasião do Quarto Congresso da Internacional Comunista em Moscou, a perspectiva de tradução enunciada por Gramsci contempla também uma temática afim a sua formação específica. Como egresso inconcluso do curso de Filologia Moderna da Universidade de Turim e, em função de tal perfil, preocupado com a tradução da língua e das linguagens, o recurso a essa categoria possui uma relevância central na obra gramsciana e, ao mesmo tempo, possibilita estabelecer indicações muito mais precisas. O caráter preciso em questão se diferenciaria de uma noção vaga de “influência” de Lenin sobre Gramsci.

O ponto pertinente para a argumentação remete a uma fala proferida por Lenin em 1922 no Quarto Congresso da Internacional Comunista. Na fala em questão, Lenin tece ressalvas sobre uma resolução aprovada no Terceiro Congresso da Internacional Comunista em 1921. A despeito de elogiá-la, Lenin critica o seu caráter demasiado russo, a despeito de seu conteúdo muito bem escrito. Não se trata do fato de sua lavra original em língua russa, mas que ela teria um apego excessivo às peculiaridades históricas e sociais da terra dos Soviets, tornando sua aplicação e desdobramento específicos para outras realidades históricas um exercício bastante difícil. A sua leitura seria, assim, afeita a grandes dificuldades para aplicação pelos delegados estrangeiros dos partidos comunistas fora da Rússia. Superar tal dificuldade, esforçando para explicar adequadamente aos delegados referidos o teor da resolução mencionada, tornariam excelentes as perspectivas da revolução mundial (LENINE, 1980, p. 627-628).

Em poucas palavras, haveria uma dificuldade de traduzir o teor da resolução em questão para que delegados estrangeiros a aplicassem para as suas especificidades históricas, sociais, etc. Tal ponto dá o ensejo sobre a maneira como Gramsci ecoou, recepcionou tal formulação.

Numa provável redação de novembro de 1930 (FRANCIONI, 1984, p. 142), de tipo “A” na edição crítica italiana dos cadernos, ou seja, um texto de primeira redação, Gramsci assim se escreveu acerca do discurso leniniano acima citado no Quarto Congresso da Internacional Comunista: “*Traducibilidade das linguagens científicas e filosóficas*. Em 1921: questões de organização. Vilici disse e escreveu: ‘não soube “traduzir” na língua “europeia” a nossa língua”. (GRAMSCI, 1977, Q7, §2, p. 854).

A segunda redação deste texto, o que o classifica como um texto “C” de acordo com a edição crítica organizada por Valentino Gerratana, tomou forma provavelmente entre agosto e o final de 1932 (FRANCIONI, 1984, p. 144) e está assim sistematizada: “Em 1921, tratando de questões de organização, Vilici escreveu e disse (mais ou

menos) assim: “não soubemos ‘traduzir’ na língua ‘europeia’ a nossa língua” (GRAMSCI, 1977, Q11, §46, p. 1468).

Em curtas palavras, Gramsci refere à dificuldade de traduzir a partir da especificidade russa as orientações para a atuação política dos partidos comunistas nas suas distintas localidades.

De alguma forma, a perspectiva aludida por Gramsci no tocante a Lenin se relaciona, de alguma maneira, às suas definições de tradução.

De maneira análoga às linguagens, uma tradução pode ser mecânica, pobre ou profunda, rica, orgânica. Contudo, só a filosofia da práxis ou o materialismo histórico pode se desdobrar numa tradução rica, não mecânica, orgânica e profunda (GRAMSCI, 1977, Q11, §47, p. 1468). Dito de outra forma, algo compatível com uma ressignificação que leve em consideração a transformação da totalidade em toda a sua riqueza e complexidade.

A intervenção de Lenin no Quarto Congresso da Internacional Comunista em 1921 opõe argumentos semelhantes à diferenciação acima sistematizada por Gramsci. Por um lado, uma tradução mecânica impregnada sobremaneira de um espírito russo que pode dar ensejo a uma orientação mecânica, que não traduz ou dá a possibilidade de planejar e efetiva a adequação das táticas (meios) à estratégia (finalidade) revolucionária. Por outro lado, a ressignificação rica, orgânica, profunda proporcionaria libertar a resolução em questão de seu teor excessivamente eivado de um perfil russo e resultar numa tradução que leve em consideração a complexidade rica e peculiar de outras localidades que não sejam unicamente a Rússia.

A adequação da tática à estratégia revolucionária que se aplica às peculiaridades nacionais, dando ensejo a uma tradução orgânica, rica e profunda, remete à hegemonia a ser exercida nos processos de luta de classes. Tal tema ocupará a reflexão da próxima seção.

Gramsci, Lenin e a hegemonia

Há alguns exemplos na obra gramsciana que podem remeter à formulação leniniana de hegemonia. A presença do argumento da hegemonia (LENIN, 1982b) em *Que fazer?*, no qual o debate incide recai sobre a luta contra o exercício da referida hegemonia burguesa sobre o proletariado. O ponto de vista leniniano dá conta de que a hegemonia do partido como vanguarda deve prevalecer e liderar a consciência política contra o espontaneísmo. Cite-se outro exemplo. A provável ascendência da elaboração de Lenin sobre Gramsci, a partir do que é escrito em *Dois Táticas da Social Democracia* (LENINE, 1982a) no que se refere ao proletariado exercer a hegemonia (GRAMSCI, 1977, Q10-I, §12, p. 1235), implicando na liderança com o consenso das classes aliadas, tais como o campesinato, como assevera Morton (2007, p. 88). No mesmo trecho referenciado dos Cadernos do Cárcere (GRAMSCI, 1977, Q10-I, §12, p. 1235), a elaboração da hegemonia com o protagonismo de Lenin é citada. Tal citação aponta no sentido de que o líder soviético reavaliou o campo de lutas culturais com uma terminologia política, alcançando no domínio da organização e da luta políticas a proposição da hegemonia em complemento à teoria do Estado como força e como uma forma contemporânea da elaboração de Marx de 1848 referente à revolução permanente.

Como sugere Edmundo Fernandes Dias (1991, p. 80), o tributário de Gramsci a Lenin na questão da hegemonia é óbvio, dentre outros temas, mas deve-se acrescentar que as formulações gramscianas são resultantes também de uma elaboração anterior a esse encontro, numa articulação fértil entre o que havia de mais avançado no movimento operário italiano e europeu com a linha de frente do movimento intelectual de vanguarda da Universidade. O pensamento de Gramsci, egresso inconcluso do curso de Filologia Moderna da Universidade de Turim, é resultante também deste movimento, ponto fundamental para o argumento deste artigo. Sempre importante ressaltar, contudo, conforme estudos específicos mostraram, que a

noção de hegemonia pouco aparece de forma sistemática e pontual no conjunto da obra escrita de Lenin, dotado de um perfil de um militante e dirigente que a usou na perspectiva concreta, da luta política (SHANDRO, 2014, p. 3-4). Importante também ter em mente as várias fontes que contribuíram para a formação da noção gramsciana de hegemonia, como as referências de Croce, Maquiavel, das elaborações da Internacional Comunista e do contexto da luta ítalo-serva pela hegemonia do Mar Adriático no início do século XX, léxico presente na imprensa socialista italiana do início do século XX (BOOTHMAN, 2008, p. 202-203).

Derek Boothman também reitera a perspectiva de que a teoria e a prática da hegemonia (mas não necessariamente a palavra propriamente dita) fazem parte do arsenal leniniano em várias possibilidades ao longo de sua obra e vida. Além do já mencionado esboço da noção de hegemonia em *Que fazer?* (LENIN, 1982b), Gramsci espelhou sua tradução da categoria em tela, a título de exemplificação, a partir da formulação leniniana de que os bolcheviques tinham não somente o duro dever de liderar o proletariado na luta de superação da autocracia, mas também a oposição existente de outros estratos sociais (LENIN, 1967, p. 84 apud BOOTHMAN, 2008, p. 203).

A liderança das classes como hegemonia no processo de luta dá ensejo a uma outra temática associada a tal categoria que provavelmente implica num eco e tradução das formulações leninianas por Gramsci. Trata-se da perspectiva pedagógica da hegemonia, num sentido mais amplo que transcende aquele de caráter escolar.

Neste esteio, há uma advertência importante. A obra de Lenin carece de um conjunto mais amplo e sistemático de formulações voltadas aos temas educacionais (FAZZIO, 2019). No conjunto pequeno de tais elaborações, a temática pedagógica nem sempre foi tratada no sentido estrito com conotações escolares.

Um texto não finalizado de 1905 trata de tal perspectiva. Nele, Lenin (1977, p. 453-455) reitera a importância de guiar o proletariado com o objetivo de transformar a consciência dos trabalhadores.

Há sempre o caráter pedagógico na atividade do Partido Social-Democrata no sentido de guiar aqueles setores que não desenvolveram a consciência, pautando-se por uma conduta cotidiana que participe da sua luta diária pela existência. Lenin enfatiza o caráter indissociável de tal ação pedagógica com a prática política do Partido. Compara o Partido a uma escola que deve desempenhar o papel de esclarecer estes setores do proletariado com o objetivo de evitarem serem enganados por charlatões, demagogos e reacionários.

Em argumento que provavelmente ecoa e traduz a elaboração leniniana, ao menos em parte, Gramsci atribui um caráter necessariamente pedagógico à hegemonia (GRAMSCI, 1977, Q10-II, §44, p. 1330-1331). Conforme sua teorização, há uma analogia a ser desenvolvida a partir da formulação de que todo aluno é professor e todo professor é aluno para além das relações escolares. Esta interação dialética implica numa assimilação e transformação dialética resultando numa amadurecimento e desenvolvimento de uma personalidade culturalmente superior. Tal lógica alcança as novas e velhas gerações no tocante a suas experiências e valores historicamente necessários. E ela se estende para os indivíduos em termos coletivos, para as camadas intelectuais e não intelectuais, para governantes e governados, para elites e seguidores, para dirigentes e dirigidos, para vanguardas e corpos de exército, para todas as forças que compõem uma nação e para as relações internacionais no que se refere às civilizações continentais e regionais.

No sentido de aproximar e dar sentido à tradução da perspectiva pedagógica referida por Lenin, a elaboração gramsciana aponta uma interação dialética que também pode ser vista como uma relação pedagógica. Traduzir implica também em transformar. Como tal, a interação que o processo de hegemonia e liderança pode proporcionar possui um caráter pedagógico porque contribui para as diferentes transformações, principalmente aquelas que incidem sobre o desenvolvimento das consciências com a finalidade de emancipar os trabalhadores.

Feitas tais proposições, passar-se-á para as Considerações Finais.

Considerações Finais

Ao longo deste texto, foi apresentada uma breve argumentação sobre a forma específica como Gramsci assimilou algumas das formulações de Lenin.

Elas remetem ao contexto como Lenin alertou no Quarto Congresso da Internacional Comunista de 1922 o caráter excessivamente russo da resolução do Congresso do ano anterior, propenso a dificuldade de interpretação, aplicação para distintas realidades. Na leitura e tradução gramsciana desta análise, há elementos de uma preocupação de Gramsci com uma tradução ou aplicação mecânicas, que não diferenciem as outras realidades daquela russa. Fica sugerida a preocupação de uma tradução, aplicação, releitura do teor da resolução referida que se adeque para as especificidades de locais distintos em relação à Rússia.

Ao mesmo tempo e cada qual à sua maneira, Gramsci e Lenin entendem a importância do caráter pedagógico da hegemonia no sentido das coletividades assimilarem e, no dizer gramsciano, traduzirem uma mudança em termos de várias possibilidades de interação dialética no interior das diferentes coletividades. Há em comum entre ambos o léxico do caráter pedagógico em sentido não estritamente escolar que marca, no dizer de Lenin, o trabalho de busca de elevação das consciências dos trabalhadores para sua emancipação e, no dizer de Gramsci, o caráter pedagógico que marca todas as relações de hegemonia e seus desdobramentos em termos de transformações de vários tipos e, notadamente das consciências no interior das coletividades.

A assimilação de Lenin por Gramsci no tocante à hegemonia aponta uma diferença óbvia em relação à formulação original. Se o léxico de Lenin raramente refere a essa perspectiva na forma da palavra específica que a nomeia, a abordagem gramsciana a considera de forma bastante recorrente. Talvez esta seja uma diretriz importante para aprofundar outros pontos da tradução de Lenin por Gramsci.

O ensejo da observação de Lenin em 2022 no Quarto Congresso da Internacional Comunista leva a outra formulação, sobre a revolução

em outras sociedades. Ambas são possivelmente relacionadas. Conforme Carlos Nelson Coutinho (2007, p. 63-64), em 1924 Gramsci recolheu as elaborações de Lenin sobre a maior complexidade para a conquista do poder nas sociedades capitalistas mais avançadas. Ainda segundo Coutinho, Gramsci formularia pela primeira vez uma ideia que, aprimorada e efetivada, constituiria o eixo em torno do qual giraria as notas carcerárias: uma diversidade estrutural entre as formações econômico-sociais do “Ocidente” e do “Oriente”, (GRAMSCI, 1977, Q7, §16, p. 866) desdobrando-se na necessidade de formulação de intervenções que levem em conta tais diferenciações.

Outra possibilidade de desenvolvimento de argumento mais profundo em termos de tradução de Gramsci por Lenin remete a outra formulação de Coutinho (2007, p. 66): a existência de uma “evidente convergência entre o conceitos gramscianos de “revolução passiva”, “revolução-restauração”, etc e o conceito leniniano de “via prussiana”.

Mais um ponto sugerido por Coutinho (2007, p. 91, 97) remete à noção gramsciana de catarse como consciência de classe ao equivalente de Lenin da elevação da consciência tradeunionista à consciência político-universal de classe.

Outros pontos sugeridos por Coutinho alcançam a ligação do partido com a classe e o partido de vanguarda da classe operária coeso e estruturado (2007, p. 168), a indicação da frente cultural em conjunto com as frentes econômica e política como campo decisivo na luta das classes subalternas (2007, p. 171). Tal ponto já foi mencionado anteriormente neste texto.

Por fim, um outro ponto que demandaria uma argumentação mais substantiva se relaciona àquilo que Coutinho elenca como a mais relevante formulação dos cadernos carcerários gramscianos. As relações de força são, segundo Coutinho (2017, p. 682), a metodologia de análise histórica conforme Gramsci. Além disso, mesmo sendo mencionada poucas vezes no conjunto dos cadernos carcerários, trata-se de uma formulação central na medida em que não se entende a luta hegemônica, a constituição da sociedade civil e seus nexos com

o Estado, bem como a formação de uma consciência crítica sem a análise de situações segundo as relações de força. O ponto de contato com Lenin sugerido por Coutinho (2017, p. 683) é a menção do líder soviético à “análise concreta de situações concretas”. Trata-se de uma formulação bastante semelhante à proposição de Gramsci e, ainda segundo Coutinho, “a essência do marxismo”.

De toda a forma, entende-se que esta reflexão é o início de uma avaliação que demandaria uma argumentação muito mais substantiva, cujo escopo transcende os limites de espaço aqui colocados. O inventário esboçado a partir das sugestões de Carlos Nelson Coutinho é, muito provavelmente, apenas uma pequena parte da potencialidade investigativa do nexos em tela.

Referências

- BOOTHMAN, Derek. “The Sources for Gramsci’s Concept of Hegemony”. *Rethinking Marxism*, Kalamazoo: v. 20, n. 2, p. 201-215, 2008.
- DIAS, Edmundo Fernandes. “Gramsci, um interlocutor sempre atual”. *Quaderni*. São Paulo: n. 1, p. 77-98, 1991.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2007.
- COUTINHO, Carlos Nelson. “Relações de força”. In: LIGUORI, Guido & VOZA, Pasquale. *Dicionário Gramsciano*, São Paulo: Boitempo, 2017, p. 682-685.
- FAZZIO, Gabriel Landi. “**Confundindo pedagogia e política: Marx e Lenin sobre a educação revolucionária do proletariado**”. 29 de maio de 2019. *LavraPalavra*. Disponível em: <https://lavrapalavra.com/2019/05/29/confundido-pedagogia-e-politica-marx-e-lenin-sobre-a-educacao-revolucionaria-do-proletariado/>. Acesso em: 27 de out. 2023.

- FRANCIONI, Gianni. *L'Officina Gramsciana: ipotesi sulla struttura del "Quaderni del carcere"*, Nápoli: Bibliopolis, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere: edizione a cura di Valentino Gerratana*. Torino: Einaudi, 1977.
- LENIN, Vladimir Ilitch. "On confounding politics with pedagogics". In: LENIN, Vladimir Ilitch. *Lenin Collected Works*. Moscow: Progress Publishers, 1977, p. 452-455, volume 8.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *What is to be done?* London: Lawrence and Wishart, 1967.
- LENINE, Vladimir Ilitch. "Duas Tácticas da Social-Democracia na Revolução Democrática", In: LENINE, Vladimir Ilitch. *Obras Escolhidas em três tomos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982a, volume 1, p. 381-472.
- LENINE, Vladimir Ilitch. "Cinco anos da Revolução Russa e perspectivas da Revolução Mundial – Relatório no IV Congresso da Internacional Comunista em 13 de novembro (1922)". In: LENINE, Vladimir Ilitch. *Obras escolhidas em três tomos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, volume 3, p. 618-628.
- LENINE, Vladimir Ilitch. "Que fazer? – Problemas candentes do nosso movimento". In: LENINE, Vladimir Ilitch. *Obras Escolhidas em três tomos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982b, volume 1, p. 79-214.
- MORTON, Adam David. *Unravelling Gramsci: Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy*, London: Pluto Press, 2007.
- SHANDRO, Alan. *Lenin and the Logic of Hegemony*. Leiden, The Netherlands: Brill. Crossref, 2014.